

PRIMEIRO ENCONTRO COM JEAN-PAUL SARTRE: A LUTA FEMINISTA TEM DE SER AUTÔNOMA¹

FIRST MEETING WITH JEAN-PAUL SARTRE: THE FEMINIST STRUGGLE MUST BE AUTONOMOUS

Gloria M. Comesaña Santalices*

* Dra. em Ciências Humanas. Professora do Doctorado en Ciencias Humanas da Universidad del Zulia. Venezuela. Email: gsantalices@cantv.net

A voz de Simone de Beauvoir, ao telefone, me diz: “Sartre deseja vê-la e a espera na segunda-feira, ao meio-dia e meia. Pode ser?... Anote o endereço”. E passa a informação com todos os detalhes, explicando tudo duas vezes.

Saio da cabine telefônica como se me tivessem dado um soco, pernas tremendo, tenho de me sentar. Num instante, sinto vontade rir e chorar ao mesmo tempo, de gritar bem alto, soltar minha emoção, mas, ao mesmo tempo, quase não consigo respirar, nem falar, nem me mexer. Pouco a pouco, as ideias se organizam em minha cabeça.

!Voy a ver a Sartre!

Como aconteceu? Sequer tinha me atrevido a sonhar com isso. Ao longo destes anos em Paris, trabalhando em minha tese sobre ele, tampouco tinha pensado que fosse possível que tivesse interesse em me ver.

¹ Este é o relato das duas primeiras entrevistas que tive com Jean-Paul Sartre, em outubro e novembro de 1977. Ambas apareceram nas páginas de *Artes Y Letras* do jornal *Panorama* de Maracaibo. A primeira, em 12 de março de 1978 e, a segunda, em 19 de agosto de 1978. Posteriormente, voltei a entrevistar Sartre em outras 3 ocasiões: março de 1978, em setembro do mesmo ano e em janeiro de 1979. Quando tentei contactá-lo, em janeiro de 1980, ninguém respondia em sua casa. Já estava muito grave da doença que o levaria à morte. Este texto foi concluído em 14 de março de 1996.

Tradução de Nilson Moulin. São Paulo, novembro, 2010. Tradutor de literatura italiana. Escreve livros de Educação Ambiental, neste campo fez formação de multiplicadores (Moçambique – UNESCO; Amapá). E-mail: nilsonmoulin@gmail.com

Devido às novas condições, bem conhecidas, que cercam sua vida (velhice, doença, cegueira, trabalho constante em casa com um grupo muito reduzido de colaboradores e amigos, aparições públicas excepcionais limitadas a certos compromissos políticos), havia descartado a possibilidade de encontrá-lo pessoalmente.

Uma vez concluída e defendida minha tese, com a segurança que me dava um bom resultado, obtido por unanimidade, pedi e consegui por meio de duas pessoas (uma amiga minha e outra dele, que se conheciam) a autorização para telefonar a Simone de Beauvoir e marcar uma entrevista com ela, sua companheira de sempre e interlocutora privilegiada.

Faz muitos anos, em minha admiração e interesse intelectual, a vida e a obra de Sartre e Simone de Beauvoir apresentaram-se como inseparáveis. Em determinado sentido, ver um deles equivale, para mim, a ver o outro, a tal ponto foi sempre tão profundo seu acordo vital e ideológico. Com Simone de Beauvoir me interessava, fundamentalmente, tratar de certas questões referentes ao movimento feminista e a minha experiência nele, e também de meus planos neste sentido para o futuro. Assim, à emoção que para mim representava falar com ela pela primeira vez, uniu-se a enorme surpresa de ser solicitada pelo próprio Sartre.

NA CASA DE SARTRE

Bem antes da hora marcada, me encontro no bulevar onde se localiza sua casa, tentando encontrar um bom lugar para estacionar. Não gostaria de chegar um minuto antes nem um segundo depois. Para matar o tempo que me resta, passeio, entro num café, torno a passear. Tudo o que me rodeia me parece irreal. O bulevar está cheio de gente fazendo compras, vão e vêm a toda pressa, esperam o ônibus, descem para pegar o metrô. Faz um lindo dia de sol, os cafés estão cheios de clientes que leem o jornal sentados em mesinhas que invadem as calçadas. Algumas pessoas entram ou saem do cemitério de Montparnasse, alguns operários trabalham nas bases de um futuro edifício. Alguns *clochards* discutem sentados num banco pintado de verde, junto de uma árvore, na beira do cemitério.

A hora se aproxima e, em meu passeio, vou me aproximando do edifício onde ele mora. Mais 10 minutos de espera: dou cabo deles caminhando lentamente pelo pequeno jardim interior, enquanto me olham com curiosidade das oficinas do térreo. Ao meio-dia e meia, pego o elevador e subo. Ao chegar, ouço sua voz: fala ao telefone. Respiro forte de novo, toco a campainha, me abre a porta.

SEM NENHUM RITUAL

Sabendo de sua cegueira quase total, estranho encontrá-lo sozinho. Porém, logo me darei conta de que, nos limites estreitos de seu apartamento, pode ficar sem ajuda de ninguém para as coisas mais elementares. Somente a leitura e a escrita, com as quais fez seu destino, lhe estão agora vedadas. Para isso precisa de outros.

Vou ao encontro da mão que me estende, trocamos as primeiras palavras, sem nenhum ritual. Me convida a entrar e sentar, e me acompanha, andando muito lentamente, como tateando o piso atapetado uniformemente na cor bege.

Me sento num sofá baixo, muito cômodo, e ele numa cadeira que me parece dobrável, de madeira e lona. Hesito ao escolher o assento, mas lembro em seguida que, no filme sobre sua vida, aparece quase o tempo inteiro numa cadeira antiga, sem nenhuma comodidade e com espaldar bem reto. Seu temperamento parece combinar com móveis assim, mais do que com o conforto de um sofá em que o corpo parece fundir-se. Hesito também no que concerne a ajudá-lo a sentar-se, porque o espaldar da cadeira, móvel, está em posição horizontal. Enfim, opto por uma solução intermediária, já que não quero lhe fazer sentir, como algo que conta para mim, sua invalidez. Sustento o espaldar no tempo exato para que ele se aproxime e comece a apoiar-se nele. Durante toda a entrevista, me mantenho na ponta do meu.

A primeira impressão, que vai se manter na entrevista inteira, foi um choque para mim. Estou perante um homem fisicamente acabado, muito mais velho do que as fotos ou o filme permitem apreciar. De repente, o filósofo, o escritor, o intelectual engajado com quem sempre me identifiquei profundamente; essa espécie de figura mítica, que só possuía aspecto físico sobre o papel das fotografias, adquire um corpo diante de mim. Um corpo pequeno e meio grosso, que se move lenta e dificilmente, arrastando os pés e tateando um pouco o espaço ao redor, e um rosto muito feio, corado por uma escassa penugem de cabelos ainda não totalmente grisalhos. Este homem, que durante muito tempo tomei como guia absoluto, parece agora meu avô, e até sinto que depende de mim, que sou mais forte do que ele.

Durante toda a entrevista, esta impressão não vai me abandonar. Mas começa a falar, cruzando as mãos à frente, com os dedos apoiados nos braços do assento, num gesto muito característico. Entrelaça os dedos e mantém essa posição bastante tempo, separando as mãos só de vez em quando, para acentuar uma afirmação ou coçar levemente um canto do nariz. Está absorto no fio de suas próprias ideias e, ao mesmo tempo, escuta muito atentamente quando falo. Por trás das lentes, seus olhos estrábicos e sem vida parecem ter se apagado para não distrair o curso

dos pensamentos. Observo-os, porém, não decifro nada. Tudo está em sua voz, essa voz metálica e rouca, que me faz pensar um pouco na frieza e na precisão de uma máquina. (É uma voz muito parecida com a de Simone de Beauvoir, que, tendo o mesmo timbre metálico, é mais nervosa e com uma tonalidade mais alta).

E, sem dúvida, é uma voz que parece vir de muito dentro, do mais autêntico de um ser que vive intensamente, apurando cada instante, cada acontecimento, cada ideia até a última gota, como se fosse uma taça de licor. Cada palavra deste ancião é uma reiteração da empresa de viver. Se fechar os olhos, posso crer que é imortal.

DECLARAÇÃO DE FEMINISMO

Nossa conversa, a princípio, se refere à minha tese, que ele ainda não conhece. Eu a exponho em linhas gerais, e discutimos algumas ideias dos aspectos que mais lhe chamam a atenção ou que mais se prestam à polêmica. Uma das questões que mais o apaixona é a que se refere às relações entre os sexos e, durante um bom momento, escuto sua declaração de feminismo. Tal como numa entrevista com Simone de Beauvoir, publicada na revista *L'arc* (número 16) reconhece seu sexismo anterior, utilizando um termo bem nosso:

- Fui muito machista, confesso, porém, *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, me iluminou...

Para ele, esta obra marca o início de uma reflexão que o levará, finalmente, a reconhecer a causa feminista como fundamental. Por nossa conversa, comprovo que sua posição é praticamente geminada com a minha: sobre a maioria dos “motivos” feministas nos descobrimos de acordo. Igualmente, para rechaçar certas tendências que existem no interior do Movimento e que tratam de voltar para uma “especificidade feminina” esmagada e oculta por séculos de dominação masculina.

Isso, e aí coincidimos de novo, não é mais do que uma nova armadilha, a qual nos conduziria a uma separação e discriminação ainda mais radicais, e, no melhor dos casos, só faria repetir os erros da dominação masculina.

A luta feminista tem que ser autônoma, somente as mulheres poderão levar a bom termo a causa de sua libertação, porque só o oprimido, aquele que sofre cotidianamente uma situação, possui a força vivencial necessária para realizar uma tomada de consciência de sua situação e transformá-la numa onda arrasadora, que destrói a velha ordem, para colocar em seu lugar as novas estruturas. Neste sentido, nenhum homem, por muito honesto que seja, poderia trabalhar no interior do Movimento. Nunca o dominador lutará autenticamente para eliminar seus privilégios. Inclusive a esquerda, a este respeito, não pode inspirar confiança

total. A maioria dos homens de esquerda é tão machista quanto os de outras tendências.

E assim continuamos por um bom tempo, aprofundando o tema. Não posso dizer que sua posição me pegue de surpresa, mas devo reconhecer que estou agradavelmente satisfeita ao comprovar o interesse dele pelos temas feministas, seu ânimo em defendê-los e a concordância entre nossas posições respectivas.

RELAÇÕES COM O PRÓXIMO

Sem dúvida, tenho algumas críticas para fazer a ele, críticas que ganharam força nos meses consagrados a elaborar minha tese.

“Com bastante frequência, — lhe digo - sua obra peca por sexismo. Por enquanto, não quero referir-me a novelas, contos e peças de teatro, onde o valor contingente das personagens consideradas numa situação bem determinada, talvez pudesse servir de desculpa, senão exclusivamente a certas afirmações que se encontram em *O ser e o nada*, no capítulo sobre “as relações concretas com o próximo”. Ali surge revestida de valor ontológico, como correspondente das próprias estruturas do ser, a concepção tradicional, segundo a qual a mulher é o ser “passivo” (é tomada, possuída etc) e o homem “ativo” (toma, possui). Todo o imaginário cotidiano sobre o ser masculino e o feminino fica assim elevado ao nível de traço necessário do ser homem e do ser mulher”.

Um tanto reticente, aceita o ataque, tratando de proteger-se em seguida atrás de *Saint Genet, comediante e mártir*. “Neste livro, a visão é diferente”, me diz. Quase sem lhe dar tempo para continuar, ataco de novo, assombrada com meu próprio ímpeto: “Não, em *Saint Genet*, tudo é ainda pior: suas análises são mais detalhadas e confirmam ulteriormente minha posição. Ao falar em homossexual “ativo” e “passivo”, o senhor reitera - e como! - a interpretação tradicional.

Sua resposta não se deixa esperar: “Bem, de acordo, em *Saint Genet*, tratei de observar, do meu ponto de vista hetero, a homossexualidade...”

Não quer ceder totalmente. É como se, tendo sido menos machista que outros e, tendo adotado desde seu surgimento, a causa do feminismo, tais críticas lhe parecem injustas. Vejo-me obrigada a lançar-lhe um salva-vidas e encerrar a questão. E acrescento:

- É possível que esses homens (aqueles do “mundo” de Genet) tenham vivido assim sua homossexualidade, segundo os mesmos padrões que regem nossa sociedade patriarcal: o senhor só podia mesmo atestá-lo da forma que fez.

Ele começa a concordar, quando batem à porta. Levanta-se com esforço e vai abrir com passo lento e vacilante. É uma mulher que fica no umbral, não posso vê-

la. “Nossa compromisso é hoje, porém, às 5 da tarde”, diz, como se a interrupção o incomodasse por seu caráter imprevisto.

- Já sei, só vim lhe trazer estas flores...

Despedem-se. Ele fecha a porta, deixa o buquê no chão, num canto e torna a sentar-se. Nossa conversa continua. Falamos de um futuro em que as relações entre homem e mulher sejam autênticas e igualitárias, sem sujeição e funções estabelecidas; da necessidade e importância de propor com maior frequência este problema; de fazer pesquisas a respeito; de buscar novas formas de convivência entre os sexos...

A MULHER VENEZUELANA

Ao meu lado, toca o telefone. Ele se levanta e responde em pé, perto de mim. Observo seus pés e escuto as palavras dele e, por vezes, a voz do interlocutor, que fala bem alto. Chama-o de Jean-Paul. E Sartre usa várias vezes duas de suas expressões favoritas: “Absolument”. “C’est exact”.

Após esta segunda interrupção, a conversa prossegue. É quando me dou conta de seu grande poder de concentração, da lucidez e coerência de seu intelecto. Foi o único que a velhice respeitou. Acaba de repetir minhas últimas frases, para me lembrar do que falávamos. Então, a conversa ganha um tom mais pessoal. Depois de pedir que lhe deixe um exemplar da tese, falamos de minha vida, experiências em Paris, militância feminista e de meus planos para organizar um grupo feminista em Maracaibo. Para projetos neste mesmo sentido, porém, mais ambiciosos pela amplitude e de dificuldades de todo tipo que terão de ser superados, me oferece sua colaboração e a de Simone de Beauvoir.

Aí falamos da Venezuela e, sobretudo, da situação da mulher venezuelana em relação ao homem. Um dos aspectos sobre o qual me interroga com maior interesse é a participação da mulher na vida universitária e nas chamadas profissões liberais.

Para concluir, marcamos data e hora da próxima entrevista, sobre a qual ele insiste calorosamente. Deseja me ver depois de ter lido minha tese (“Uma vez que tenha tomado conhecimento dela”).

Cedendo à rotina nesses casos e à insistência de amigos, peço a ele que autografe um exemplar de bolso de *A Náusea*. Peço desculpas pelo pedido, dado que não quero cair no culto à personalidade (e, afinal, penso sem dizer: O que vale uma assinatura para mim? Mostrar aos outros? Relíquia futura? Que me importa tudo isso? O único que conta é a enorme provisão intelectual e afetiva que este encontro, este contato de uma hora com ele, representa para mim. O demais não tem nenhum valor. Nenhuma dedicatória, nenhuma assinatura poderão dar conta do que tal

entrevista significa e da influência que terão em minha vida). Com sorriso condescendente, pega o livro que ponho muito perto de suas mãos e se dirige para a escrivania.

Procura uma caneta, passo-lhe minha esferográfica. Ao terminar, me estende o livro e pergunta: “Está bem escrito?” Quase não posso responder que sim, a tal ponto esta situação cálida e familiar provoca um nó de ternura em minha garganta. Lentamente, me acompanha até a porta.

Ao sair na rua, pareço flutuar entre nuvens. Uma vibração percorre meus ouvidos, uma sensação de estranhamento me invade. Como quando, ao sair do cinema, nos encontramos de novo com a vida cotidiana e o ar da rua. Não lembro como meu carro me deixou de novo em casa.

SEGUNDO ENCONTRO

O marxismo já não permite explicar o mundo que estamos vivendo

Nesta quinta-feira, chove a cântaros sobre Paris a tarde inteira. Estou cansada de correr para resolver problemas de última hora. As exigências da burocracia me fazem sentir um robô o dia todo. Tenho os pés ensopados dentro dos sapatos de camurça.

Cada vez que a chuva aumenta, lamento a falta de minhas botas, que já estão viajando para a Venezuela. No *parking* de Montparnasse, recostada em meu carro, tento dormir. São 4 e meia: 5 minutos depois, desisto. Há muito barulho e o ar está rarefeito pela poluição dos carros. Fico com medo de adormecer e chegar tarde para a entrevista. Fora, continua chovendo, uma chuva fina e persistente. Abro o guarda-chuva, dirijo-me para a banca de jornais mais próxima e, sentada num café, trato de me esquentar e me inteirar, sem conseguir muito, das notícias do dia. Tenho a impressão de que o tempo não flui, por instante, sinto como se fosse ouvir uma sentença. No café, cheio de empregados, as pessoas conversam e riem, todos os ruídos soam como ampliados em meu cérebro, o cachorro do dono me dá um toque no joelho para que lhe dê os cubinhos de açúcar que esperam ao lado da minha xícara. Mais 15 minutos. Para aclamar minha ansiedade, vou passear pela praçinha redonda, junto do prédio dele, e que antes só tinha visto de longe. Segue chovendo, morro de frio. Os últimos 10 minutos espero no hall do edifício, lendo o jornal, vendo gente entrar e sair. Que sorte têm em morar perto dele, e talvez sequer o conheçam ou quem sabe, não avaliam o que esse ancião baixinho, meio gorducho e quase cego, que caminha tateando, representa para o pensamento do século XX.

Dois minutos antes da hora, pego o elevador: às 5 e meia em ponto, bato na porta. Alguns segundos de espera e a porta se abre de novo, enquanto sua mão se estende para mim.

OUTRA VEZ NA CASA DELE

As posições são as mesmas da vez anterior: eu no sofá amplo/?? e confortável, ele na cadeira dobrável de lona. Acomodada na borda do assento, quase não respiro à espera do veredicto. Este não se faz esperar e ouço sua voz rouca e metálica dizer: “Seu trabalho é excelente, não tenho nenhuma crítica para lhe fazer, embora pense que você me faz algumas que creio não merecer”. Para mim já não chove, o sol começa a brilhar nesse quarto e meus pés molhados não passam de objetos úmidos colocados em cima do tapete, no interior de sapatos de camurça com sola de borracha.

Entramos numa conversa de detalhes sobre diferentes aspectos de minha tese. Lendo uma de minhas afirmações, baseada numa ideia que ele expõe em *O ser e o nada*, ocorreu-lhe uma série de reflexões que poderiam conduzi-lo a mudar sua posição inicial. Uma grande discussão se inicia, mantenho o posicionamento de *O ser e o nada*, ele argumenta em favor de uma nova possibilidade. No final, cada um mantém sua posição, com uma variante: aceitamos que se exige maior reflexão sobre o assunto, antes de decidir definitivamente qual das duas ideias deve prevalecer.

A discussão foi acalorada e, depois de algum tempo, percebo que estou conversando com ele como se fosse um velho amigo. Talvez o que mais tenha gostado dele, do homem Sartre de carne e osso, é que sabe escutar. E seu interesse não é fingido. Seu rosto reflete a concentração espontânea, toda a atenção consagrada às palavras do interlocutor. Não existe nele a cortesia fingida da maioria das pessoas, nem a atitude altiva e benévola dos grandes homens. É um ser humano diante de outro.

CADUCIDADE DO MARXISMO

Eu o interrogo sobre uma questão que, a propósito da relação entre *O ser e o nada* e a *Crítica da razão dialética*, me obrigou a confrontar François Châtelet no dia em que defendi minha tese. Châtelet, como outros intérpretes do pensamento sartreano, considera que entre as obras existe uma ruptura radical, que ocorre pela introdução do marxismo. Defendo a tese contrária. Châtelet citava, a seu favor, um dos colaboradores mais próximos de Sartre, eu fiz o mesmo, citando André Gorz, com quem ele afirmou ter tido dias antes, precisamente, a mesma discussão.

Sartre não vê, entre as duas obras, nenhuma ruptura. A *Crítica da razão dialética* mantém as teses existencialistas de *O ser e o nada*, completando-as com a

introdução do social e do histórico. A práxis humana de *Crítica da razão dialética* é uma consciência encarnada que realiza sua liberdade, não num mundo constituído por ela, e onde nada se lhe pode opor, exceto num campo social alienado no qual todas as suas possibilidades estão definidas de antemão.

- Pois bem, – pergunto a ele - o senhor continua pensando, como na *Crítica*, que “o marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo”?

- Não, – me responde - a situação atual evoluiu de tal maneira que o marxismo já não permite explicar o mundo em que estamos vivendo.

Que vamos colocar no lugar do marxismo? Insisto de novo. E então me surpreende seu sorriso picaresco: – Ah, isso não posso dizer-lhe, é o tema de meu próximo livro.

Falo então com ele da representação teatral de *Eróstrato*, um dos contos de *O muro*, que foi adaptado para o teatro e que, em minha opinião, perde todo seu valor devido à forma, arbitrariamente violenta e agressiva, que os atores usam para recitar o texto.

Por alguns amigos, me diz, conhecia algo dessa adaptação e estava em desacordo com ela. Soma-se a minha consideração anterior, afirmando que tal interpretação do texto é desnecessária, porém, parece não dar muita importância ao que fizeram com sua obra. Ao contrário, com notório prazer, me pergunta se vi *As mãos sujas*, que foi representada durante vários meses no teatro “des Mathurins”. “Duas vezes”, lhe respondo. E então me conta que, devido ao êxito alcançado em Paris, a obra será apresentada em cidades de província durante o outono. Falamos igualmente sobre *Nekrassov*, que será apresentada, a partir do mês de fevereiro, (1978) pela companhia do TEP (Teatro do Leste Parisiense).

Dado que lhe pergunto até que horas posso ficar, me responde que ele está livre, mas sabe que tenho um compromisso às 7. De fato, os amigos por meio de quem cheguei até ele, me oferecem um jantar de despedida ao qual convidaram também a amiga de Simone de Beauvoir, que fechou o circuito. Foi ela quem contou a ele e acho engraçado que saiba disso. “Fique até a hora de ir para lá”, me diz e, conforme o endereço que lhe dou, calculamos que meia hora antes me dará tempo suficiente para ser pontual ao convite.

UM INTERLOCUTOR PRIVILEGIADO

Eu o interrogo então sobre sua relação com Simone de Beauvoir. Qual é, segundo ele, a razão do êxito de tal “união em liberdade”, que já tem tantos anos, desde que se conheceram, em 1923? É produto do acaso, de certas circunstâncias bem precisas ou de uma vontade de permanência? O que mais me interessa é saber qual o papel que tal vontade, de entregar-se, pôde desempenhar na relação.

O que me diz então não me traz novas luzes, pois coincide com aquilo que, muitas vezes, ambos escreveram ou explicaram a respeito, ou com o que afirmou no filme que fizeram sobre sua vida *Sartre por ele mesmo*. (Trata-se de uma série de conversas entre Sartre, Simone de Beauvoir e alguns amigos que o interpelam. Parece que o filme original dura 8 horas, para comercializá-lo, foi reduzido a 3. Existe uma transcrição dos diálogos do filme, publicada por Gallimard em 1977).

Cada um deles vê no outro o interlocutor privilegiado desde todos os pontos de vista. Jamais nenhum deles publicou uma linha sem que o outro tivesse conhecimento e feito sua crítica. E insiste nisso, talvez para sublinhar seu profundo acordo intelectual.

- Meu melhor crítico - me diz - sempre foi ela e, embora por vezes tenhamos tido grandes discussões, sempre terminava por me convencer. Os fatos, depois, lhe davam razão. Nossas relações sempre foram de absoluta igualdade e se alguma vez estivemos em desacordo, não durou muito, nem foi sobre problemas fundamentais.

Me dá a impressão que o poder da palavra, por meio do intercâmbio de ideias e da reflexão constante, levada ao extremo com a maior honestidade, é para eles muito importante. Como o fato, considerado por ambos como fundamental, ou em todo caso muito propício para conseguir uma boa relação, possuir uma mesma base cultural e histórica.

Quanto ao papel da vontade em tal relação, perante minha insistência em perguntar, responde que se existe um, mas não me parece, pela pouca importância que lhe concede, que a considere como algo decisivo. Não se pode manter uma relação apenas mediante um ato voluntário.

É maravilhoso escutá-lo falar dela, de Simone de Beauvoir. Entende-se então o valor que esse acordo profundo com ela tem para ele. Ao falar sobre ela, parece animar-se mais e realizar mais amplamente o gesto que às vezes faz com as mãos ao falar. Em geral, suas mãos permanecem cruzadas no peito, enquanto os antebraços descansam nos braços da cadeira.

FUNÇÃO DO ESCRITOR

Nossa conversa recai logo, novamente, sobre meus projetos, minhas possibilidades para o futuro. E, durante um bom tempo, partilho com ele minhas dúvidas sobre o papel da escrita, sobre o sentido que pode ter uma vida a ela consagrada.

O escritor é um parasita? Vale a pena dizer o que outros talvez já tenham dito, deleitar-se com o prazer de misturar signos para produzir determinado efeito?

Não se trata de um individualismo exagerado, não seria mais útil dedicar-se a outra coisa? Ele me escuta com calma e tem a resposta na ponta da língua. Caso se tenha a necessidade imperiosa, é necessário fazê-lo, escrever apesar de todas as dúvidas, mesmo no momento em que tudo parece desprovido de sentido e valor. E, se fazemos aquilo de que gostamos, tanto melhor. É preciso desfazer-se do resto de ideologia religiosa que pretende que todo trabalho, para merecer tal nome, tem de ser acompanhado por esforço e desprazer.

“Escrever é seu destino”, me diz, à guisa de conclusão.

Chegou a hora de partir: é ele quem me alerta. Tenho a impressão de que “leu” o relógio com os dedos. Pede que mantenha o contato com ele e me diz como fazê-lo. Já de pé, com sua mão na minha, me diz: “Venha me ver de novo, quando vier a Paris no verão”. Como não lhe dizer que sim? Se fosse possível, viria todos os dias para ouvi-lo e conversar com este ancião, o homem Sartre, convicções e vivências em total coerência, que sempre me fascinou, sem enfraquecer meu sentido crítico.

Já não chovia lá fora, meu corpo inteiro vibrava de calor e os sapatos tinham secado. Como sob efeito de uma grande embriaguez, cheguei finalmente à casa de meus amigos.

Agora, relembando essas entrevistas e tratando de rememorar a disposição do apartamento de Sartre, percebo que é bem pouco aquilo que posso dizer. Como me fixar no cenário, nos móveis e coisas que me rodeiam, quando este homem que absorve toda atenção está em minha frente? Ao lado dele, tempo e espaço desaparecem.

Só existe sua presença que ocupa todos os meus horizontes.